

Formar crianças leitoras segundo bibliotecários escolares: uma análise de enunciações

Training children as effective readers according to school librarians:
an enunciation analysis

Everton da Silva Camillo

Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Bibliotecário na Prefeitura Municipal de Vila Velha.

everton.camillo@unesp.br

Claudio Marcondes de Castro Filho

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente no Departamento de Educação, Informação e Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

claudiomarcondes@ffclrp.usp.br

RESUMO

A pesquisa visou constatar os sentidos atribuídos por bibliotecários escolares à noção de formação de crianças leitoras na escola. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa de características qualitativa e descritiva. Aplicou-se a técnica de pesquisa Análise de Enunciação do método Análise de Conteúdo para analisar os dados. Esses foram coletados por meio da aplicação de questionário semi-estruturado publicado no grupo do Facebook denominado Bibliotecários do Brasil. Se discorreu sobre o bibliotecário escolar constituir um educador na escola. Se obteve como resultado da pesquisa que, segundo os sentidos presentes nas enunciações dos participantes, forma-se crianças leitoras na escola quando: o bibliotecário desenvolve atividades mediacionais e pedagógicas; o bibliotecário trabalha com os recursos físicos de informação; o bibliotecário censura o acesso ao acervo e à informação; o bibliotecário se envolve sentimentalmente com os usuários da informação; o bibliotecário resgata a herança cultural passada por adultos; o bibliotecário compreende que a biblioteca escolar é um importante equipamento de informação na sociedade. A pesquisa conclui que bibliotecários escolares compõem o time de atores da educação na escola. Eles são profissionais que atuam na dimensão pedagógica quando acompanham o processo de aprendizagem do aluno, quer seja oferecendo-lhe amparo técnico e/ou intelectual, ou ainda quando trabalham cooperativamente com outros profissionais educadores. Desse modo, os sentidos sobre como formar crianças leitoras na escola não podem ser restritos, dado que isso influenciaria o profissional a tomar decisões “míopes” para promover a leitura na biblioteca escolar, quando na verdade a formação da criança leitora é complexa e exige estratégias e programas escolares densos, bem elaborados, articulados e definidos.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar. Bibliotecário Escolar. Leitor. Leitura.

ABSTRACT

The research aimed to verify the meanings attributed by school librarians to the notion of training children as effective readers at school. Thus, the research draws on the qualitative and descriptive approaches. The Enunciation Analysis research technique of the Content Analysis method was applied to analyze the data. The latter were collected through the application of a semi-structured questionnaire published in the Facebook group called Bibliotecários do Brasil. The role of the school librarian as an educator at school was discussed. Findings of the research consist on the comprehension that children may be trained as effective readers at school when, according to the deponents: the librarian develops mediational and pedagogical activities; the librarian works with the physical information resources; the librarian censors access to the collection and information; the librarian gets emotionally involved with the users of the information; the librarian rescues the cultural heritage passed on by adults; the librarian understands that the school library is an important

information center in society. The paper concludes that school librarians make up the team of education actors at school. They are professionals who work in the pedagogical dimension when they follow the student's learning process, whether offering technical and/or intellectual support, or when they work cooperatively with other professional educators at school. Then the meanings on how to train children as effective readers at school cannot be restricted, as it would influence the professional to make “short-sighted” decisions to promote the reading in the school library when in fact the reading skills in childhood is complex and requires strategies and dense, well-designed, articulated and defined school programs.

Keywords: School Library. School Librarian. Effective Reader. Reading Promotion.

1 INTRODUÇÃO

Formar leitores é um dos objetivos da escola compreendido consensualmente quando se trata de uma das funções sociais dessa na atualidade. Nesse sentido, Silva (2015, p. 488-489) esclarece que “A escola tem como meta levar o aluno à leitura”, e por essa razão, professores, bibliotecários, coordenadores pedagógicos e diretores, por também constituírem a escola, devem estar em sintonia com esse objetivo apesar dele não constituir uma tarefa fácil. Assim, Martins e Bortolin (2006, p. 34) entendem que, na escola, “O primeiro ator que “entra em cena” [...] é o aluno/leitor. Em seguida vem o bibliotecário, o professor e os demais membros da comunidade escolar”.

No que se refere ao bibliotecário escolar especificamente, Silva (2014, p. 150) indica que são parte das preocupações desse profissional as práticas de leitura com os leitores em formação, e considera que “o bibliotecário em uma biblioteca escolar deve construir o seu cotidiano de forma que permita que as crianças explorem diversas possibilidades de práticas de leitura”. Quando leem, elas se deparam com novas visões sobre inúmeros elementos e contextos, sobre a própria sociedade e, como se espera, aprendem novas concepções sobre a vida, sobre o seu ‘eu’ e ainda sobre o ‘nós’. Esses subsídios as tornam, portanto, leitoras não apenas dos textos e contextos, mas também das situações sociais complexas e condições humanas emergentes no mundo.

Entretanto, quando as crianças não são expostas à apreciação literária elas enfrentam a diminuição para, dentre outros estímulos, refletir com base no seu capital cultural para então se posicionar no mundo. Logo, o quanto elas perdem por não estarem em contato com a leitura literária se equipara em certa medida ao quanto perdem as pessoas em situação de analfabetismo total ou funcional, exatamente por não terem competências e habilidades desenvolvidas que lhes permitam atuar em determinadas e importantes ocasiões que regem os aspectos e dimensões da vida cívica (ROSS, 2018).

Nessa conjuntura o bibliotecário escolar é demonstrado como um profissional fundamental ao time de atores escolares. Ele pode auxiliar no planejamento de programas que levem o alunado à leitura. A *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) (2005, p. 12), inclusive, afirma que “Em cooperação com a direção da escola, com os administradores em geral e com o professorado, o bibliotecário deve estar envolvido no planejamento e na implementação dos programas escolares”. Ele pode contribuir técnica e intelectualmente para que a escola atinja até mesmo o objetivo de tornar os estudantes efetivos leitores, estando em clara consonância com o documento da IFLA chamado Diretrizes da IFLA para a Biblioteca Escolar (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2016), que afirma que dentre as funções educativas de um bibliotecário escolar qualificado há a atividade de promover a leitura.

Apesar do trabalho do bibliotecário escolar ser enaltecido pela voz institucionalizada da IFLA no que se refere a atuação daquele para promover a leitura na escola, interessa compreender, como efeito anterior da prática bibliotecária nesse ambiente, as acepções que aqueles profissionais têm sobre como formar crianças leitoras. Portanto, justifica-se a execução deste estudo pela necessidade de compreender os sentidos dos quais partem os bibliotecários escolares quando esses visam à formação de crianças leitoras na escola. Desse modo, buscou-se responder a seguinte pergunta: quais são os sentidos presentes na fala de bibliotecários escolares sobre como formar crianças leitoras na escola?

Para solucionar esse problema se objetivou, então, constatar os sentidos atribuídos por bibliotecários escolares à noção de formação de crianças leitoras na escola. Assim, desenvolveu-se uma pesquisa sobretudo qualitativa e descritiva.

2 METODOLOGIA E TRATAMENTO DOS DADOS

Os dados da pesquisa foram coletados por meio da aplicação do instrumento de coleta denominado questionário. Gil (1999, p. 121) entende que ele se constitui como “um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações”. Elaborado com três questões de múltipla escolha e apenas uma discursiva, o questionário versou sobre minimamente conhecer dos respondentes seu

sexo, estado brasileiro onde reside, tempo de atuação na biblioteca escolar e entendimento sobre como se forma crianças leitoras na escola.

É importante esclarecer que os questionários foram aplicados no grupo virtual do Facebook denominado Bibliotecários do Brasil. Alguns critérios foram fundamentais para a escolha do grupo como universo de pesquisa. São eles: a) grupo com número de membros acima de 1000; b) gerações distintas de profissionais de Biblioteconomia; c) membros de distintos estados brasileiros.

O grupo Bibliotecários do Brasil possui pouco mais de 14 mil membros e devido a isso teve-se como expectativa a coleta de um considerável volume de dados. Eles resultariam numa amostra significativa para a pesquisa dado o universo possível para coletar os dados. Entretanto, o valor amostral obtido foi de 14 participantes, número consideravelmente abaixo da expectativa de, no mínimo, 1000 respostas. O questionário esteve à disposição dos membros no período de janeiro a fevereiro de 2019, totalizando, aproximadamente, 59 dias de coleta de dados.

Em virtude do baixo volume de dados coletados, delineou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, com foco no discurso. Dessa forma, recorreu-se à aplicação do método Análise de Conteúdo, que é “um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”, segundo Bardin (2016, p. 44). Desse método, valeu-se da técnica de análise de enunciação. Bardin (2016, p. 217) esclarece o seguinte: “A análise de enunciação tem duas grandes características que a diferenciam de outras técnicas de análise de conteúdo. Apoia-se numa concepção da comunicação como processo e não como dado”.

Em virtude do número de sujeitos da pesquisa ser 14, a mesma quantidade de quadros foi elaborada. Eles correspondem a cada um dos 14 sujeitos. E os quadros estão segmentados em quatro colunas: ‘temática’, ‘depoimento’, ‘sequências’ e ‘enunciação’.

Houve a aplicação de uma análise sequencial e foram identificadas 36 sequências no conjunto de depoimentos. Atribuiu-se às sequências alguns temas percebidos latentes. Eles foram criados com base no exercício de “leitura flutuante” proposto por Bardin (2016). No fim, os temas simbolizam as categorias analíticas, que são:

- a) Atividades mediacionais;
- b) Recursos físicos e de informação;
- c) Atividades pedagógicas;
- d) Herança cultural passada por adultos;

- e) Censura aos recursos de informação;
- f) Envolvimento sentimental do mediador;
- g) Biblioteca escolar como importante equipamento de informação;

Os quadros adiante, enumerados de 1 a 14, seguem a seguinte estrutura: 'Sujeito A', 'Sujeito B', 'Sujeito C', 'Sujeito D', 'Sujeito E', 'Sujeito F', 'Sujeito G', 'Sujeito H', 'Sujeito I', 'Sujeito J', 'Sujeito K', 'Sujeito L', 'Sujeito M' e 'Sujeito N'.

Quadro 1 – Sujeito A.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Recurso físicos e de informação	“Disponibilizando e divulgando bons livros”.	1	Formar crianças leitoras relaciona-se substancialmente com o a divulgação e disponibilização de bons livros.
Atividades mediacionais	“[...] mediando a leitura [...] eles começam a ter interesse em livros”.	2	O incentivo à leitura começa com a atividade de mediação.
Herança cultural passada por adultos	“Também ler muito perto deles, pois criança repete o que vê os adultos fazendo”.	3	Crianças imitam, por isso podem aprender.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 2 – Sujeito B.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Recurso físicos e de informação	“Bom, primeiramente, creio que é preciso que haja na escola um espaço fixo em que os usuários da biblioteca digam: "Aqui fica a biblioteca da escola". Porque eles precisam de "referências espaciais" dos setores da escola. Aqui é a quadra, ali é o refeitório, e lá é a biblioteca”.	1	Necessidade de se criar referências espaciais.
Recurso físicos e de informação	“Na biblioteca, os alunos devem/precisam ter acesso direto aos livros; sem obstáculos”.	2	Os alunos têm que acessar os livros livremente.
Censura aos recursos de informação	“É claro, determinados livros não devem ficar à disposição das	3	Aparente contradição com a afirmação anterior: livros podem ser acessados,

	crianças nas prateleiras por questões técnicas (idade, ano escolar, nível de entendimento)”. “A prática cotidiana do serviço de referência pode desenvolver e formar leitores, uma vez que você vai ao encontro do usuário e detecta as demandas de leitura dele. Quando você dá ao aluno/usuário o que ele quer, ele tende a buscar mais a biblioteca e os seus serviços”.	4	mas nem todos, em vista de questões técnicas. O serviço de referências é determinante na formação de crianças leitoras.
Atividades mediacionais	“E, por fim, mas não menos importante, é o serviço de Contação de Estórias às crianças e serviços de leitura, tais como roda de leitura, leitura compartilhada, em que o livro impresso é objeto relacional nas mãos deles”.	5	Contação de histórias e rodas de leitura formam crianças leitoras. Destaque para a materialidade do livro como insumo para formar crianças leitoras.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 3 – Sujeito C.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades pedagógicas	“Através do lúdico [...]”.	1	Atividades lúdicas formam crianças leitoras.
Envolvimento sentimental do mediador	“[Através...] do humor e da simplicidade”.	2	Apelo para o emocional e condicional: se houver sentimentos como humor e simplicidade, será possível formar crianças leitoras.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 4 – Sujeito D.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Recurso físicos e de informação	“Dando acesso a livros interessantes e diferentes para eles [...] deixando eles manipular os livros livremente”.	1	Os alunos têm que acessar os livros livremente.
Censura aos recursos de informação	“[...] porém com supervisão”.	2	Sem supervisão não se forma crianças leitoras.
Atividades mediacionais	“[...] contando histórias”.	3	Por meio da mediação da informação, como a contação de histórias.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 5 – Sujeito E.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades mediacionais	“Promovendo atividades de incentivo à leitura”.	1	Se forma crianças leitoras incentivando-as a ler.
Biblioteca escolar como importante equipamento de informação	“A biblioteca deve andar junto com a sala de aula porém, deve ir mais além: ela deve promover todos os tipos de leitura. É onde devem ser desenvolvidos os aspectos culturais e de entretenimento. A biblioteca escolar deve ultrapassar o viés pedagógico. Na maioria das vezes, a biblioteca escolar é o único lugar de leitura de liberdade que as crianças terão contato”.	2	A biblioteca escolar complementa a sala de aula na formação de leitores. Ela também é um espaço de fruição entre cultura, educação e entretenimento, ultrapassando o viés unicamente pedagógico, mas estendendo-se ao de lazer. Muitas vezes a biblioteca é o único espaço onde crianças se deparam a oportunidade de adquirir capital cultural e social.
Atividades pedagógicas	“Creio que cada detalhe conta quando se trata de conquistar novos leitores. A estrutura e as atividades promovidas são os dois principais eixos a serem bem trabalhados”.	3	A estrutura (de algo) e as atividades são os principais pontos para se pensar a formação de crianças leitoras.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 6 – Sujeito F.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Recurso físicos e de informação	“Sempre ter uma atividade na biblioteca com livros”.	1	Atividades com livros resumem a formação de crianças leitoras.
Atividades pedagógicas	“[...] dar a liberdade para a criança escolher um livro”.	2	A criança tem o direito de escolher o livro.
Atividades mediacionais	“[...] a partir da história, conversar sobre aquilo”.	3	Dialogar sobre a história lida.
Atividades mediacionais	“[...] contar histórias”.	4	Contar histórias.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 7 – Sujeito G.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades mediacionais	“Lendo pra elas”.	1	Lendo para elas” é possível formá-las leitoras.
Recurso físicos e de informação	“[...] colocando livros disponíveis”.	2	Os alunos têm que acessar os livros livremente.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 8 – Sujeito H.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades mediacionais	“Desenvolvendo projetos de incentivo à leitura desde bem pequenas”.	1	Incentivando as crianças a ler desde a mais tenra idade.
Recurso físicos e de informação	“[...] com literatura adequada a faixa etária”.	2	Deve haver literatura adequada.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 9 – Sujeito I.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades pedagógicas	“Atividade lúdicas de acordo com a faixa etária”.	1	Atividades lúdicas formam crianças leitoras.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 10 – Sujeito J.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Envolvimento sentimental do mediador	“Sendo apaixonado por literatura infantil, livros e outras leituras”.	1	É possível se o mediador for apaixonado por literatura infantil, livros e outras leituras.
Censura aos recursos de informação	“As possibilidades de leituras não devem ser impostas, respeitando sempre o olhar sob a infância e o universo a partir da perspectiva das crianças”.	2	Ler não deve ser uma imposição.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 11 – Sujeito K.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades mediacionais	“Mediação”.	1	Deve haver atividades mediacionais.
Biblioteca escolar como importante equipamento de informação	“[...] e planos pedagógicos que insiram a biblioteca escolar como aparelho de apoio no ensino básico”.	2	A biblioteca escolar é um equipamento de informação que contribui para o ensino.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 12 – Sujeito L.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades mediacionais	“Sendo leitor, conhecendo a literatura, sua história e as biografias dos escritores, superar seus preconceitos”.	1	Superando preconceitos se forma crianças leitoras.
Atividades mediacionais	“[...] ler para as crianças e propiciar lugar”.	2	O incentivo à leitura começa com a atividade de mediação.
Atividades mediacionais	“[...] e momentos agradáveis para a criança exercitar sua leitura”.	3	O incentivo à leitura começa com a atividade de mediação.
Atividades pedagógicas	“Estabelecer parcerias com professores/as e buscar cooperar com eles para ajudar as crianças com dificuldades na alfabetização”.	4	Cooperando com professores é possível formar crianças leitoras.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 13 – Sujeito M.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Atividades pedagógicas	“Mostrar a magia pela leitura”.	1	Atividades lúdicas formam crianças leitoras.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Quadro 14 – Sujeito N.

Tema	Depoimento	Sequências	Enunciação
Biblioteca escolar como importante equipamento de informação	“Na minha opinião o incentivo tem que vir de casa”.	1	O incentivo maior vem de casa.
Herança cultural passada por adultos	“[...] pais leitores formam filhos leitores... nada melhor do que o exemplo”.	2	Crianças devem imitar os seus pais.
Biblioteca escolar como importante equipamento de informação	“Nas escolas que já trabalhei e muito difícil pegar uma criança de 3 ou 4 anos que não tem esse habito e quer que eles se tornem leitores. É muito complicado”.	3	Destaque para o desânimo quanto ao objetivo de ensinar como uma função do bibliotecário na escola.

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Posteriormente ao enquadramento das temáticas, depoimentos, sequências e enunciações, os sujeitos foram agrupados com base nas categorias analíticas. O Quadro 15 demonstra os dados rearranjados.

Quadro 15 – Agrupamento dos sujeitos por categoria analítica.

Agrupamentos	Sujeitos da pesquisa	Categorias analíticas
Agrupamento I	A + B + D + E + F + G + H + K + L	Atividades mediacionais
Agrupamento II	A + B + D + F + G + H	Recursos físicos e de informação
Agrupamento III	C + E + F + I + L + M	Atividades pedagógicas
Agrupamento IV	A + N	Herança cultural passada por adultos
Agrupamento V	B + D + J	Censura aos recursos de informação
Agrupamento VI	C + J	Envolvimento sentimental do mediador
Agrupamento VII	E + K + N	Biblioteca escolar como importante equipamento de informação

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Vale destacar que os sujeitos podem aparecer em diferentes agrupamentos, pois esses foram criados com base nas sequências dos depoimentos. Os depoimentos foram

destrinchados em recortes e esses foram classificados por agrupamento mediante o tema da categoria que mais se adequou ao conteúdo.

3 O BIBLIOTECÁRIO COMO EDUCADOR NA ESCOLA

Cada vez mais se evidencia na literatura em Ciência da Informação (CI) que o bibliotecário é um importante profissional para as atividades de cultura e educação no ambiente escolar. Ele contribui significativamente no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes, quer sejam crianças, jovens ou adultos, e conduzi-los no percurso da transformação da informação em conhecimento requer a efetiva atuação na dimensão do ensino.

De acordo com o documento da IFLA (2016, p. 32), o papel de ensino do bibliotecário “abrange uma grande diversidade de situações com alunos individualmente, pequenos grupos de alunos e turmas e também formação informal e formal de colegas de escola”. Dudziak (2001, p. 130), contudo, entende que “o bibliotecário educador não apenas deve conhecer sua área de atuação, como também deve considerar a dimensão didático-pedagógica e o projeto educacional da instituição/comunidade na qual age” (p. 130). Isso é corroborado mais recentemente por Silva e Ventorim (2016), que descrevem que o bibliotecário que se percebe como um educador deve conhecer a sua área de atuação específica e considerar a dimensão pedagógica da escola como seu local de trabalho.

Ser um bibliotecário educador consiste, assim, em compreender que sua atuação na escola se emaranha com as acepções sobre o que se entende por ensino e aprendizagem, e, ainda, com o modelo de sociedade que se pretende construir por meio da escola e da sua biblioteca ao, ambas, se respaldarem em documentos dotados de intencionalidade, dimensionalidades política, reflexiva e coletiva e dinamicidade, como por exemplo o Projeto Político-Pedagógico (PPP).

O bibliotecário, junto aos demais profissionais na escola, protagoniza a prática educativa (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 2016; MARTINS; KARPINSKI, 2018). Oliveira e Cranchi (2017, p. 46) alegam que “O papel do bibliotecário é primordial para fazer da biblioteca um espaço e instrumento de acolhimento dos alunos, bem como ser um elo articulador entre o ensino e a aprendizagem”. Na verdade, o bibliotecário, ao atender às necessidades de informação

e conhecimento dos estudantes, evidencia suas habilidades e competências para lidar com os fenômenos da informação e do conhecimento, por isso a sua imagem profissional tem ganhado contornos mais nítidos. Dessa forma, o bibliotecário escolar, hoje, se consolida no cenário da educação principalmente quando se refere ao estabelecimento de atuações colaborativas para o planejamento conjunto de atividades curriculares bem como as de acompanhamento da aprendizagem dos estudantes (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION, 2005; SILVA; VENTORIM, 2016).

Portanto, o bibliotecário escolar é um profissional imbuído de práticas de cunhos técnico e intelectual. Enquanto sua dimensão de habilidades técnicas o permite estabelecer procedimentos qualificados de busca, tratamento e gestão da informação e do conhecimento, sua outra dimensão, a intelectual, o engaja em temas transversais a serem desenvolvidos na escola. Sendo assim, a atividade pedagógica para com os alunos pode ser feita em parceria com os demais atores escolares, sobretudo os professores, para viabilizar soluções pedagógicas que munam o alunado de conhecimentos aplicáveis ao seu contexto de vida com o objetivo de transformá-lo positivamente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os questionários foram respondidos por 12 profissionais do sexo feminino e dois do sexo masculino. Metade dos 14, ou seja, sete respondentes, atuam profissionalmente na região Sudeste do Brasil. Cinco respondentes são da região Sul, e dois são da Nordeste e do Centro-Oeste, nessa ordem. A região Norte não contabilizou participantes.

Das regiões com participantes contabilizados, sabe-se que quatro atuam em bibliotecas escolares de três anos e um dia a seis anos e outras quatro, há mais de nove anos e um dia. Portanto, esses são os intervalos de tempo que tiveram maior expressividade na pesquisa. Os demais intervalos de tempo (de um dia a um ano; de um ano e um dia a três anos; de seis anos e um dia a nove anos) somaram cada um duas pessoas.

Quanto às enunciações, 13 delas se relacionam com a categoria 'Atividades mediacionais', seguida de 'Recursos físicos e de informação', vinculada a sete. As enunciações que envolvem a categoria 'Atividades pedagógicas' somam seis e, na sequência, as que tratam da 'Biblioteca escolar como importante equipamento de

informação' são quatro. O tema 'Censura aos recursos de informação' está presente em três enunciações, e os temas 'Herança cultural passada por adultos' e 'Envolvimento sentimental do mediador' têm duas enunciações cada.

No 'Agrupamento I' há discursos dos Sujeitos 'A', 'B', 'D', 'E', 'F', 'G', 'H', 'K' e 'L'. Durante a classificação os discursos foram entendidos como 'Atividades mediacionais'.

O 'Sujeito A' considera que "[...] mediando a leitura [...] eles (os alunos) começam a ter interesse em livros" (acréscimo nosso). Para o 'Sujeito B',

A prática cotidiana do serviço de referência pode desenvolver e formar leitores, uma vez que você vai ao encontro do usuário e detecta as demandas de leitura dele. Quando você dá ao aluno/usuário o que ele quer, ele tende a buscar mais a biblioteca e os seus serviços.

O 'Sujeito B' ainda afirma que "[...] não menos importante, é o serviço de Contação de Estórias às crianças e serviços de leitura, tais como roda de leitura, leitura compartilhada, em que o livro impresso é objeto relacional nas mãos deles".

A visão do 'Sujeito D' é que a formação de crianças leitoras ocorre "[...] contando histórias". E o 'Sujeito E' aparenta seguir na mesma direção, pois entende que o mesmo objetivo pode ser alcançado "*Promovendo atividades de incentivo à leitura*".

O 'Sujeito F', contudo, foca a atividade cultural de contar histórias. Ele refere que a formação de crianças leitoras é feita "[...] a partir da história, conversar sobre aquilo". Portanto, deve-se "[...] contar histórias" (Sujeito F). Ou ainda, como afirmou o 'Sujeito G', forma-se crianças leitoras "*Lendo pra elas*".

O 'Sujeito K' entende que isso nada mais é que a atividade de "*Mediação*". Nesse sentido, a mediação pode acontecer "*Sendo leitor, conhecendo a literatura, sua história e as biografias dos escritores [...]*", como destaca o 'Sujeito L'. Além disso, é fundamental "[...] ler para as crianças e propiciar lugar [...]" "[...] e momentos agradáveis para a criança exercitar sua leitura" (Sujeito L). Assim, as crianças leitoras são formadas ao se desenvolver "[...] projetos de incentivo à leitura desde bem pequenas" (Sujeito H).

Muitos dos sujeitos desse agrupamento acreditam que o incentivo à leitura começa com a atividade de mediação. Nesse contexto, alguns acreditam que o Serviço de Referência das bibliotecas escolares é determinante para formar crianças leitoras. Também foram mencionadas a contação de histórias e as rodas de leitura como atividades culturais importantes.

Houve bibliotecários que enfatizaram que trabalhar com a materialidade do livro pode ser um insumo potente para formar crianças leitoras. Eles creem que incentivar as crianças a ler desde a tenra idade, ou ler para elas, pode ser uma das soluções mais viáveis para formá-las leitoras ao longo da vida.

Nas bibliotecas, a atividade de mediação é recorrente. Medeia-se a informação, a cultura e a leitura. O próprio Serviço de Referência das bibliotecas é uma atividade de mediação, assim como o são as ações culturais de contar histórias.

É provável que os sujeitos da pesquisa enxerguem a mediação como o único meio possível e efetivo de formar crianças leitoras na escola. As atividades mediacionais demandam profissionais qualificados e de diferentes propostas de atuação, recursos tecnológicos, físicos e de informação e compasso com a missão, visão e valores da escola da qual a biblioteca é parte.

A temática ‘Recursos físicos e de informação’ conforma o ‘Agrupamento II’. Os recursos de informação foram percebidos nas enunciações dos Sujeitos ‘A’, ‘B’, ‘D’, ‘F’, ‘G’ e ‘H’. Eles enfatizaram a disponibilidade e o livre acesso aos livros como meio para formar crianças leitoras na escola.

Para o ‘Sujeito A’, forma-se crianças leitoras *“Disponibilizando e divulgando bons livros”*, ou, de acordo com o ‘Sujeito B’,

[...] é preciso que haja na escola um espaço fixo em que os usuários da biblioteca digam: “Aqui fica a biblioteca da escola”. Porque eles precisam de “referências espaciais” dos setores da escola. Aqui é a quadra, ali é o refeitório, e lá é a biblioteca.

O ‘Sujeito B’ ainda considera que *“Na biblioteca, os alunos devem/precisam ter acesso direto aos livros; sem obstáculos”* e o ‘Sujeito D’ corrobora o asserto, pois concorda que é *“Dando acesso a livros interessantes e diferentes para eles [...] deixando eles manipular os livros livremente”* que se formarão como crianças leitoras.

Para o ‘Sujeito F’ é importante *“Sempre ter uma atividade na biblioteca com livros”, “[...] colocando livros disponíveis”* (‘Sujeito G’) e *“[...] com literatura adequada a faixa etária”* (‘Sujeito H’). Em bibliotecas, os recursos de informação estão na base do desenvolvimento de atividades mediacionais. O próprio Serviço de Referência promove a educação dos usuários, a comunicação visual e a divulgação dos demais produtos e serviços da unidade de informação. Assim, a disponibilidade e o livre acesso aos recursos são parte

fundamental da concretização do atendimento das necessidades informacionais dos usuários.

Os recursos de informação também têm expressividade no que se refere à concepção que bibliotecários escolares detêm sobre como formar crianças leitoras na escola. Muitos participantes têm como aparente conclusão que crianças leitoras são formadas caso lhes seja permitido acessar os livros de forma ilimitada. Contudo, a ação de acessar os livros sem a devida mediação não incide em efetividade para o objetivo de tornar crianças leitoras. Tornar-se leitor é um processo que segue as vias da complexidade, e nele ocorre um movimento ascendente que propicia a construção da consciência crítico-reflexiva da criança com o apoio pedagógico necessário.

No 'Agrupamento III' há os Sujeitos 'C', 'E', 'F', 'I', 'L' e 'M'. Seus discursos se alinham à categoria 'Atividades pedagógicas'. Os sujeitos inferiram que a formação de crianças leitoras na escola pode ser feita por meio de atividades lúdicas realizadas pelo bibliotecário escolar.

Para o 'Sujeito C', forma-se a criança leitora *"Através do lúdico [...]"* e para o 'Sujeito E' *"[...] cada detalhe conta quando se trata de conquistar novos leitores. A estrutura e as atividades promovidas são os dois principais eixos a serem bem trabalhados"*.

Para o 'Sujeito F' não se forma leitores, principalmente crianças, sem *"[...] dar a liberdade para a criança escolher um livro"* ou sem *"Atividades lúdicas de acordo com a faixa etária"*

, isso de acordo com o 'Sujeito I' especificamente. Desse modo, é crucial *"Estabelecer parcerias com professores/as e buscar cooperar com eles para ajudar as crianças com dificuldades na alfabetização"* (Sujeito L) e assim *"Mostrar a magia pela leitura"* (Sujeito M).

O bibliotecário escolar tem corresponsabilidade na promoção da educação na escola. Ser corresponsável não significa encarar a biblioteca e a si como únicos meios para apresentar às crianças o universo da leitura. É importante que o profissional tenha o discernimento de que, primeiramente, a criança não é "propriedade" dele ou dos professores. Ao contrário, ela é um cidadão em construção que, na escola, recebe estímulos pedagógicos de inúmeros atores escolares a fim de que se amadureçam como pessoas ao passo que constroem sua consciência para viver a vida civicamente.

O 'Agrupamento IV' evidencia enunciações sobre o tema 'Herança cultural passada pelos adultos'. Nesse agrupamento há os Sujeitos 'A' e 'N'. Para eles, as crianças são seres

miméticos, isto é, que imitam outras pessoas e por isso imitarão os adultos próximos de si. Portanto, ao imitarem os adultos que leem as crianças terão maiores chances de tornarem-se leitoras.

Nesse sentido, o 'Sujeito A' entende que “[...] mediando a leitura para eles (os estudantes) [...] eles começam a ter interesse em livros” (acréscimo nosso). E acrescenta que “Também (se deve) ler muito perto deles, pois criança repete o que vê os adultos fazendo” (acréscimo nosso). De acordo, o 'Sujeito N' conclui que “[...] pais leitores formam filhos leitores... nada melhor do que o exemplo”.

Vale a pena destacar neste ponto que a formação da criança leitora vai além das imitações. Seria uma falácia crer que, por simplesmente imitarem, as crianças desenvolvam habilidades significantes de leitura e se construam como leitoras efetivas ao longo da vida. Apesar de ser inegável constatar que as crianças que assistem com regularidade a adultos que leem geram familiaridade com o comportamento de leitura, elas, quando o fazem, o reproduzem de modo desprezioso e sem intencionalidade, conferindo ao ato certo grau de brincadeira.

Diferente do apresentado nesse contexto, o exercício crítico da leitura se consolida por meio da aprendizagem. Mesmo que as crianças se habituem a ver comportamentos de leitura cotidianamente elas não os consolidarão apenas por os imitarem, mas por os aprenderem e exercitarem.

O 'Agrupamento V' é composto pelos Sujeitos 'B', 'D' e 'J'. As enunciações presentes nele correspondem ao tema 'Censura aos recursos de informação'. Para esses sujeitos, os livros da biblioteca até podem ser acessados, mas nem todos. Eles compreendem que as questões técnicas relacionadas à classificação etária e de conteúdo devem ser respeitadas e julgam que o uso dos livros, se não for supervisionado, não forma crianças leitoras. O 'Sujeito B' é enfático, ele diz: “É claro, determinados livros não devem ficar à disposição das crianças nas prateleiras por questões técnicas (idade, ano escolar, nível de entendimento)”. O 'Sujeito J', por outro lado, destaca que “As possibilidades de leituras não devem ser impostas, respeitando sempre o olhar sob a infância e o universo a partir da perspectiva das crianças”.

Chama-se à atenção o fenômeno da censura, que não é novo em unidades de informação como as bibliotecas. Há discussões na literatura especializada acerca desse mecanismo de controle do acesso à informação em diferentes momentos da história. Entretanto, frente ao vigente paradigma do acesso, que deu lugar ao da custódia, é

oportuno que bibliotecários inclinados ao comportamento censor repensem suas práticas em bibliotecas na contemporaneidade.

Mesmo que seja importante considerar aspectos como a classificação etária e a indicação de conteúdo durante a formação de leitores, a serendipidade de que o usuário da informação pode fazer uso no âmbito dos acervos representa uma importante ocasião para conhecer e explorar novos gostos e gêneros literários. Sendo assim, é esperado que o bibliotecário escolar atue como um mediador da informação, que se vale das suas competências técnico-intelectuais sem preterir o bom senso, a corresponsabilidade pedagógica sobre a educação do aluno bem como o direito desse de ler ou entrar em contato com universos literários novos e possíveis.

O 'Agrupamento VI' congrega enunciações relacionadas ao 'Envolvimento sentimental do mediador'. Os sujeitos enquadrados nessa categoria são o 'C' e o 'J'. Eles entendem que formar crianças leitoras na escola é inerente à manifestação de afeto e emoções do bibliotecário. Compreendem esse evento ainda como uma condição para formar leitores, isto é, assumem que esses só serão formados caso o bibliotecário atue emocionalmente durante a mediação da leitura com as crianças.

Isso posto, o 'Sujeito C' acredita que a formação de crianças leitoras também ocorra "[Através...] do humor e da simplicidade". E o bibliotecário escolar, nas palavras do 'Sujeito J', deve ser "[...] apaixonado por literatura infantil, livros e outras leituras". Idealmente, o aspecto emocional do profissional de Biblioteconomia não deve adentrar as práticas de ensino na biblioteca a ponto de torná-lo determinante para o sucesso das atividades profissionais. Ao contrário, o bibliotecário deve agir de modo ético e atuar com excelência sem hipersignificar situações isoladas que pouco agregam para dimensionar contextos complexos na escola.

O 'Agrupamento VII' é composto pelos Sujeitos 'E', 'K' e 'N'. Nele há enunciações vinculadas à categoria 'Biblioteca escolar como importante equipamento de informação'.

Os sujeitos da pesquisa entendem a biblioteca como um espaço de fruição entre cultura, educação e entretenimento. Eles ainda dimensionam sua importância pedagógica. Para o 'Sujeito E',

A biblioteca deve andar junto com a sala de aula porém, deve ir mais além: ela deve promover todos os tipos de leitura. É onde devem ser desenvolvidos os aspectos culturais e de entretenimento. A biblioteca escolar deve ultrapassar o viés pedagógico. Na maioria das vezes, a

biblioteca escolar é o único lugar de leitura de liberdade que as crianças terão contato.

Como enfatiza o 'Sujeito K', as escolas devem construir "[...] planos pedagógicos que insiram a biblioteca escolar como aparelho de apoio no ensino básico". Em contraste, o 'Sujeito N' diz: "Na minha opinião o incentivo tem que vir de casa", e ainda acrescenta: "Nas escolas que já trabalhei é muito difícil pegar uma criança de 3 ou 4 anos que não tem esse habito e quer que eles se tornem leitores. É muito complicado".

A biblioteca escolar é um importante equipamento de informação na sociedade. Ela é o lugar da confluência dos saberes, dá apoio à construção ética e cívica das crianças, é o recinto do permitir-ser-leitor e do dar-se-a-imaginar-o-inimaginável. Outrossim, ela é o lugar da fruição entre a arte, a cultura e a educação, bem como é o ponto de encontro da comunidade escolar. Como elas têm funções como desenvolver a leitura, auxiliar na pesquisa, estimular o pensamento, a criatividade e a imaginação e proporcionar subsídios para a investigação, é esperado que os bibliotecários escolares promovam a dimensão simbólica das bibliotecas escolares na sociedade a fim de sejam valorizadas e tenham condições de se aproximar mais do seu público.

Sobre as 'Atividades mediacionais', essas têm expressividade dentre as categorias das enunciações. Acredita-se a formação universitária do estudante de Biblioteconomia tenha contundente foco nas ações de mediação, sobretudo a da informação, cultural e da leitura. Entretanto, ainda que mediar seja parte dos atributos do bibliotecário, talvez não seja baixo o número de profissionais que tenham dificuldades de imaginar a profissão noutros meandros e por isso perspectivam sobretudo as mediações explícitas como única possibilidade para formar leitores na escola.

As categorias 'Recursos físicos e de informação' e as 'Atividades pedagógicas' se relacionam na pesquisa. Uma possível explicação é que os bibliotecários que atuam há mais tempo em bibliotecas escolares compreendam melhor algumas peculiaridades sobre como atuar e quais requisitos são importantes para se trabalhar nesses espaços quando comparado a outros. Então, os recursos de informação e as atividades pedagógicas se confluem para tornar possível a atuação profissional do bibliotecário em escolas.

Depois, alguns profissionais indicaram que para formar crianças leitoras na escola era necessário compreender a 'Biblioteca escolar como importante equipamento de informação'. No entanto, um grande contraste fica por conta da categoria 'Censura aos recursos de informação', indicado por alguns respondentes. Mesmo que alguns

bibliotecários tenham referido valorizar as bibliotecas escolares para formar crianças leitoras, quando se trata do acervo e seu acesso alguns profissionais tendem a subestimar os gostos e curiosidades daquelas, violando seus direitos.

Por fim, a categoria 'Herança cultural passada por adultos' talvez tenha surgido na pesquisa em virtude de alguns bibliotecários escolares crerem que as crianças devam ser estimuladas a ler desde a idade mais tenra e em casa, dado que seus pais são o seu espelho. Porém, como já argumentado, reproduzir comportamentos leitores não significa aprender e solidificar conhecimentos e atitudes que tornem as crianças leitoras efetivas ao longo da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se objetivou com esta pesquisa constatar os sentidos atribuídos por bibliotecários escolares à noção de formação de crianças leitoras na escola, e ele foi atingido.

Foi demonstrado por meio do resultado da pesquisa que bibliotecários escolares de distintas faixas etárias, de localizações geográficas diferentes e com anos de experiência profissional diversos na área têm discursos próximos sobre como formar crianças leitoras na escola. Para eles, forma-se crianças leitoras quando o bibliotecário desenvolve atividades mediacionais e pedagógicas, quando trabalha com os recursos físicos de informação e ainda quando censura o acesso ao acervo e à informação. Outros sentidos registrados foram: se envolver sentimentalmente com os usuários da informação, resgatar uma herança cultural passada por adultos e compreender que a biblioteca escolar é um importante equipamento de informação na sociedade.

O estudo apresentou algumas limitações. A mais significativa diz respeito ao valor da amostra corresponder a um número consideravelmente abaixo daquele que se tinha expectativa. Depois, os participantes recorreram sucintamente suas impressões sobre como formar crianças leitoras na escola. Acredita-se, desse modo, que ter havido maior número de participantes e respostas mais completas à questão discursiva surtiria na melhor representação dos sentidos que os bibliotecários escolares atribuem à ação de formar crianças leitoras na escola.

A pesquisa conclui que bibliotecários escolares compõem o time de atores da educação na escola. Eles são profissionais que atuam na dimensão pedagógica quando acompanham o processo de aprendizagem do aluno, quer seja oferecendo-lhe amparo

técnico e/ou intelectual, ou ainda quando trabalham cooperativamente com outros profissionais educadores na escola. Desse modo, os sentidos sobre como formar crianças leitoras na escola não podem ser restritos, dado que isso influenciaria o profissional a tomar decisões “míopes” para promover a leitura na biblioteca escolar, quando na verdade a formação da criança leitora é complexa e exige estratégias e programas escolares densos, bem elaborados, articulados e definidos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

DUDZIAK, E. A. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. Orientador: Sueli Mara Ferreira. 2001. 187 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27143/tde-30112004-151029/pt-br.php>. Acesso em: 12 fev. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes da IFLA para a biblioteca escolar**. Tradução: Rede de Bibliotecas Escolares de Portugal. IFLA, 2016. Disponível em: <https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/ifla-school-library-guidelines-pt.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2020.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA); UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (UNESCO). **Diretrizes da IFLA/UNESCO para a biblioteca escolar**. Tradução: Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2005. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf. Acesso em: 13 fev. 2020.

MARTINS, E.; BORTOLIN, S. O bibliotecário escolar “afinando” o foco na leitura. In: SILVA, R. J.; BORTOLIN, S. **Fazeres cotidianos na biblioteca escolar**. São Paulo: Polis, 2006. p. 33-41.

MARTINS, S.; KARPINSKI, C. Interdisciplinaridade e formação do bibliotecário para atuação em Bibliotecas Escolares. **Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 424-449, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.5433/1981-8920.2018v23n1p424>. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/24399>. Acesso em: 12 fev. 2020.

OLIVEIRA, A. J. B.; CRANCHI, D. C. O papel da biblioteca universitária como espaço de afiliação estudantil e o bibliotecário como educador e agente inclusivo. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v. 27, n. 2, p. 35-47, maio/ago. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/32654>. Acesso em: 14 fev. 2020.

ROSS, N. H. Sparking reading motivation with the bluestem: school librarians’ role with a children’s choice award. **School Library Research**, v. 21, 2018. Disponível em: <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1202939.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2020.

SILVA, E. V.; VENTORIM, S. A condição docente do bibliotecário escolar na educação básica. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 2, p. 94-108, 2016. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2016.110277. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/110277/112082>. Acesso em: 12 fev. 2020.

SILVA, R. J. Formar leitores na escola: o projeto pedagógico, a biblioteca escolar e a mediação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/15390/17677>. Acesso em: 23 fev. 2020.

SILVA, R. P. **Biblioteca para quem não sabe ler?:** a quebra de paradigma sobre leitura, leitores, usuários de bibliotecas e o papel do bibliotecário escolar na educação infantil. Orientador: Mara Eliane Fonseca Rodrigues. 2014. 190 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

Recebido em: 23 de abril de 2020 Aprovado em: 11 de fevereiro de 2021 Publicado em: 22 de março de 2021
